REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

XXXII Volume | Redacção e Administração Travessa do Convento de Jesus, 4 | 28 de Fevereiro de 1909 | Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial *Praça dos Restauradores, 27* | N.º 1086

A Entrevista dos Reis de Espanha e de Portugal em Vila Viçosa

SUAS MAGESTADES D. MANUEL II E D. AFFONSO XIII NO REGUENGO DE VILA VIÇOSA

(Instantaneo Benoliel)

Chronica Occidental

Disse não sei quem que a maior parte da gente não sabe rir, e isto parece certo. O riso descobre muitas vezes traços intimos de caracter que desejariamos nunca dar a conhecer. O riso exige acima de tudo a franqueza: e onde está, entre os homens, a franqueza? O riso franco é a alegria: e em que homens existe verdadeiramente, a alegria?

Levamos, muitas vezes, annos e annos para profundar um caracter: subito, n'um dado momento, aquelle a quem temos andado a observar, ri sinceramente — e é como se a sua alma viesse pousar-nos na palma da mão!

Se quizermos conhecer bem alguem o que devemos estudar não será o seu silencio, nem as suas maneiras de falar, nem a gesticulação, mas apenas, cuidadosamente, a sua maneira de rir. E' preciso notar-lhe todas as tonalidades, todos os matizes do riso.

O riso exprime ainda — e que bem elle o exprime! — a imbecilidade como a intelligencia. Carrancudo, poderá um pateta passar por pessoa de espirito reflectido; rindo, é que não ha pateta que se salve.

E' talvez por isto que o carnaval vae perdendo muito, e cada vez mais, do seu antigo esplendor, que era quasi sempre um esplendor de porcaria, mas que nem por isso deixava de ser um esplendor. E' talvez por isto. Ninguem gosta de passar por tolo, e então quem é tolo ainda menos. O carnaval exige o riso, o riso denuncia quem ri, e só os patetas é que estão á espera que chegue o entrudo para poderem rir é vontade.

Os que ainda teimam em se entregar á alegria por este tempo já não têm coragem para o fazer desmascarados, e mascaram-se todos. São as poucas mascaras que restam, e que são sempre as mesmas, nos tres dias gordos, entre o Loreto e a Rua das Pretas, nos bailes e nas *soirées*.

Quanto mais querem civilisar o carnaval, mais elle se mostra renitente em não deixar que o civilisem. Digam lá o que disserem os senhores Fenianos do Porto, a verdade é esta. Tiram-lhe o ovo crú que nos vasava um olho, e a tijela da casa cheia d'agua que nos era despejada em cima quando sahiamos á rua, coisas estas que, tanto uma como outra, comquanto ligeiramente violentas, com mais propriedade se diria serem brincadeiras de mau gosto que selvagerias. O que nos dá, porém, em troca o carnaval civilisado? Dá-nos a parodia de Alcantara á tragedia do regicidio, e parece-me bem que o chamar-se a isto sómente «selvageria» talvez seja pouco.

A'quelles que, por se metterem em casa indispostos com a folia, irritados com os ruidos e algazarras dos tres dias gordos, concluem d'ahi que o carnaval está dando a alma ao Creador, e não tardará que o resto da gente faça como elles, offereço para meditação — a Pinhata!

E o que é a Pinhata, afinal?

A Pinhata é, nem mais nem menos, um prolongamento do entrudo. E' o regabofe que promovem, no domingo seguinte ao Carnaval, os esturdios que não se deram por contentes com o desvarío seguido de tres dias gordos e tres noites ainda mais gordas. E' uma festa rija, de levar tudo raso, uma d'estas festas em que o melhor que ellas tem é o esperar por ellas, tal o estado de consternação em que ao depois se fica. A Pinhata é, principalmente, um tremendo baile de mascaras, ao fim do qual todos levantam a mascara, e se dão a conhecer, indo acabar a noite, e muitas vezes indo acabar o outro dia, nos gabinetes reservados dos melhores restaurantes, em más companhias, quando o azar não quer que tudo aquillo acabe nos calabouços do Governo Civil, em companhias muito peores ainda.

Quando uma sociedade como a nossa não dispensa a sensação de tres dias de irresponsabilidade em cada anno para desembestar nas regalias do excesso do Entrudo, de redea solta e de folgada cilha, não ha medidas bastante energicas contra taes desmandos, de que a Pinhata é ainda o ultimo reflexo. Ainda ha poucos annos se viu o resultado que deu a prohibição das cocottes. Para se cortar uma das brincadeiras mais perigosas do Entrudo, protegia-se o incremento de um dos perigos mais brincalhões da mesma época. Suprimia-se a cocotte de papel e areia, e augmentava-se, com o baile da Pinhata, o consumo da cocotte de carne e osso. Ora se a cocotte de papel e areia nos tirava, ás vezes, numa insignificante percentagem, um olho, a cocotte de carne e osso passou a tirar-nos, livremente, os dois.

E porque nunca um mal veio só, houve por bem a mesma auctoridade, que tomara tal medida, ordenar que nas ruas de Lisboa empreendesse a policia uma rusga bem activa aos mendigos de profissão. A mendicidade era ainda, na capital, uma das poucas profissões liberaes para que não se exigia algum curso superior; e para os desventurados que, depois de um baile na Trindade e uma ceia no Augusto, tinham perdido tudo, até os olhos da cara, se a sua desventura chegava ao ponto em que já não é possivel encontrar um amigo a quem a gente se encoste, o unico meio decente que lhe restava para se tirar de difficuldades era encostar-se a uma esquina, e estender a mão...

Nesta attitude encontrou a policia, na manhã de quarta feira de cinzas, um famoso rapioqueiro de Lisboa, postado aos Martires, todo enfarinhado ainda da esturdia da vespera, aguardando o momento em que alguma alma caritativa lhe deixasse cair na mão uma cedula de dez tostões, com que lhe fôsse possivel ir passar o resto do dia no Retiro da Montanha, como ermitão, que renunciou ao mundo, ou como o actor que, nessa noite, não devia ter espectaculo.

Cumprindo ordens, perguntou a policia se ignorava ser prohibido estender a mão á caridade publica. Mas nem a mais leve sombra de desconcerto perturbou o pandego, que pediu licença para observar á policia ter-se ella enganado com respeito á attitude, bem licita, em que o encontrava.

— «Eu não estendo a mão á caridade publica...» disse. E concluiu: «Estou a ver se chove!»

Os que não tiveram, porém, a resposta prompta, como este, foram levados na rêde, e postos á ordem do governador civil, que lhes dará destino, distribuindo-os por asilos e casas de reclusão. Mas são muitos ainda os que escaparam pela malha e se refugiaram no Suisso, no Martinho e nos corredores dos Ministerios, por onde corre o enxame dos poetas sem rima, dos artistas sem atelier, e dos bachareis sem emprego. Era principalmente sobre estes que deviam convergir os raios visuaes de quem superintende na manutenção da ordem e na policia dos costumes — ainda que fôsse necessario duplicar o pessoal da fiscalisação do sello, inventar mais cincoenta commissarios régios, estabelecer um anexo ao Limoeiro e desdobrar todas as cadeiras da Academia de Bellas-Artes. Talvez assim nos livrassemos desta praga de criaturas de genio sem colocação, que infestam a capital, pondo-se um termo a este estado de coisas que não nos permite entrar no Suisso para tomar um café e um calice de cognac, sem que alguma dessas amaveis criaturas venha sentar-se ao nosso lado para tomar, pelo menos, e á nossa custa, tres cafés e seis calices de cognac!

E' preciso acabar de vez com esta pobreza desvergonhada que infesta Lisboa. O que todos esses poetas, todos esses artistas, e todos esses bachareis estão a pedir é que alguem os empregue; e, em caso de reincidencia, que alguem os prenda!

João Prudencio.

A entrevista dos Reis de Espanha e de Portugal em Vila Viçosa

Em qualquer ocasião as entrevistas dos reis despertam sempre especial interesse nos povos e não faltam logo mil conjecturas sobre o seu fim. No atual momento, porém, a entrevista do Rei D. Affonso XIII de Espanha com El-Rei D. Manuel II de Portugal, despertou maior interesse ainda e são tantos os fins que se lhe querem atribuir, na imaginação viva e fantasiosa deste povo peninsular, que nos abstemos de aventar tambem nosso juizo a avolumar o que cada cabeça tem sentenciado.

Não somos dos que nos inclinamos a crêr que o motivo da entrevista dos dois soberanos tenha por fim preparar, por emquanto, o casamento de El-Rei D. Manuel com a princesa Beatriz Victoria, filha dos Duques de Edimburgo e sobrinha do Rei Eduardo VII de Inglaterra.

Por emquanto, dissémos, o que não prejudica que assim venha a realisar-se num futuro mais ou menos remoto.

E' possivel que a entrevista obedecesse a um desejo muito natural do Rei D. Affonso se avistar com El-Rei D. Manuel depois dos tragicos acontecimentos que puzeram na cabeça deste joven principe a corôa de rei, e sendo pouco conveniente que o Senhor D. Manuel se ausentasse nesta ocasião do reino, veio então o joven monarca de Espanha entrevistal-o em Vila Viçosa.

Por formas bem simples se explicam muita vez as coisas que parecem mais complicadas e misteriosas, destruindo todas as maravilhas imaginadas.

Se acima disto ha os misterios da diplomacia com todos os seus disfarces e finuras, não nos consideramos habilitados a desvendal-os.

E' preciso tambem considerar na cortezia; nada ha mais cavalheiroso do que a Espanha, para ser a primeira, na pessoa do seu rei, a pessoalmente cumprimentar o novo rei de Portugal.

No historico palacio de Vila Viçosa se avistaram no dia 12 deste mez os dois monarcas da Peninsula.

El-Rei D. Manuel com sua augusta mãe a Rainha Senhora D. Amelia partiram de Lisboa, na manhan do dia 10, acompanhados pelo sr. ministro das obras publicas conselheiro D. Luiz de Castro e mais comitiva, indo juntar-se-lhe no dia 12 o sr. ministro dos estrangeiros conselheiro Wenceslau de Lima.

Neste dia foi que tambem chegou a Vila Viçosa, em automovel que tomara em Talavera la Real, o Rei D. Affonso.

Foi cordealiassimo o encontro dos dois jovens reis, e durante dois dias quasi não se apartaram, conversando e passeando na vasta horta do Reguengo junto ao palacio, ou em automovel percorendo terras dos arredores, no que foram acompanhados por Sua Magestade a Rainha e comitivas.

E' natural a simpatia que deve existir entre os dois jovens monarcas, porque de alguma forma se aproximam as condições de sua existencia, havendo até pontos de contancto nas vivicitudes que um e outro já tem passado nos seus poucos annos.

D. Affonso XIII não chegou a conhecer seu pae, e rei desde o berço, teve uma heroica e sabia mãe a guardar-lhe o trono mal seguro entre as tempestades latentes que o ameaçavam. Ao entrar, por assim dizer, na vida publica, quando seu coração escolheu aquella que havia de partilhar do leito nupcial, teve, como que, o primeiro batismo de sangue a manchar abruptamente esse acto da sua vida. Que mau presagio quasi ao principio de seu reinado, e que luta para acalmar os espiritos. Comtudo D. Affonso XIII tem sabido conciliar os animos e não poucas vezes defrontado-se com a revolução latente. Tem tido, felizmente, homens a seu lado dotados de bastante civismo, para o ajudarem na regenação da patria, assegurando-lhes bons governos.

Isto terá dito o joven rei de Espanha ao joven monarca português, nas suas mais intimas conversas, e da troca de essas impressões alguma coisa de consolador e ao mesmo tempo de pratico terá resultado desta entrevista.

Queremos crêr que assim será, para a boa paz dos dois povos da peninsula.

D. Affonso XIII correspondendo ao brinde que El-Rei D. Manuel lhe dirigiu ao almoço, antes da partida, disse: desejava que Portugal fosse sempre feliz, conservando-se firme a amisade dos dois povos e as bandeiras das duas nações sempre unidas, mas na mais completa independencia e autonomia. Fazia votos por que El Rei D. Manuel tivesse todas as felicidades que ambicionava para toda a familia real portuguêsa. Depois brindou pelo regimento 16 de Castella de que El-Rei D. Manuel é coronel honorario.

A retirada de D. Affonso de Vila Viçosa foi tambem muito cordeal, e deu logar a mais uma manifestação de simpatia do povo da vila e cercanias que ali acorreu, a saudar os dois monarcas, manifestações que se repetiram pouco depois quando Suas Magestades retiraram tambem para Lisboa.

Centenario de Carlos Roberto Darwin

Passou em 12 deste mez o centenario do nascimento do grande scientista Carlos Roberto Darwin, nascido em 1809 em Shrewsbury (Inglaterra) e cujo talento assombrou o mundo scientifico com a logica implacavel das suas deducções e das suas theorias ácerca da creação, estabelecendo um corpo de doutrina — o

darwinismo on doutrina da selecção natural — que de anno para anno tem adquirido maior numero de adeptos.

Erasmo Darwin, medico e poeta, avô de Carlos Darwin, havia-se notabilizado pela publicação em 1794 do importante livro intitulado *Zoonomia* ou *Leis da Vida Organica*, verdadeira synthese biologica que veiu a constituir a base da obra de Lamarck. Carlos Darwin herdou, pois, de seu avô aquella rara capacidade scientifica que nelle se desenvolveu e se transmittiu a seus filhos Jorge Howard Darwin, geographo e astronomo notavel, e Francisco Darwin botanico distincto, e dedicado auxiliar de seu pae, que elle acompanhou até á sua morte em 19 de abril de 1882, colligindo e publicando os seus ultimos trabalhos.

Carlos Darwin emprehendeu, como naturalista, em 1831, uma viagem a bordo do *Beagle*, abrangendo o Brazil, a America do Sul e o Pacifico, viagem que durou cinco annos e cujos resultados tiveram influencia notavel na vida do sabio naturalista, constituindo por assim dizer o ponto de partida dos seus immortaes trabalhos, synthetisados na *Origem das Especies*, cuja data de publicação (1859) marcou época nos annaes scientificos do mundo.

Nessa obra, Darwin apresenta grande numero de factos provando a variabilidade das especies animaes selvagens e domesticas e que o homem póde, por meio da selecção artificial, produzir especies novas.

Darwin prova que todas as especies provêem do desenvolvimento de variedades sahidas de troncos communs pela conversão d'estas primeiras variedades em raças permanentes, depois em especies novas pelo processo da *selecção natural*, identico ao da selecção artificial, por meio do qual o homem obtem as raças de animaes domesticos. Na natureza o *strugglefor life* ou lucta pela existencia, substitue o homem, e exerce, no caso da selecção natural, a acção que elle pratica com a selecção artificial.

São innumeros os trabalhos produzidos pelo genio extraordinario de C. Darwin no campo da zoologia, da botanica e da geologia, merecendo especial referencia a *Variação das Plantas e dos Animaes* (1868), *Descendencia do Homem* (1871), *Expressão das Emoções no Homem e nos Animaes* (1872), *Plantas Insectivoras* (1875), *O Poder do Movimento nas Plantas* (1880), *Estructura e Distribuição dos Recifes de Coral*, *Observações Geologicas sobre as Ilhas Vulcanicas*, *Observações Geologicas na America do Sul*.

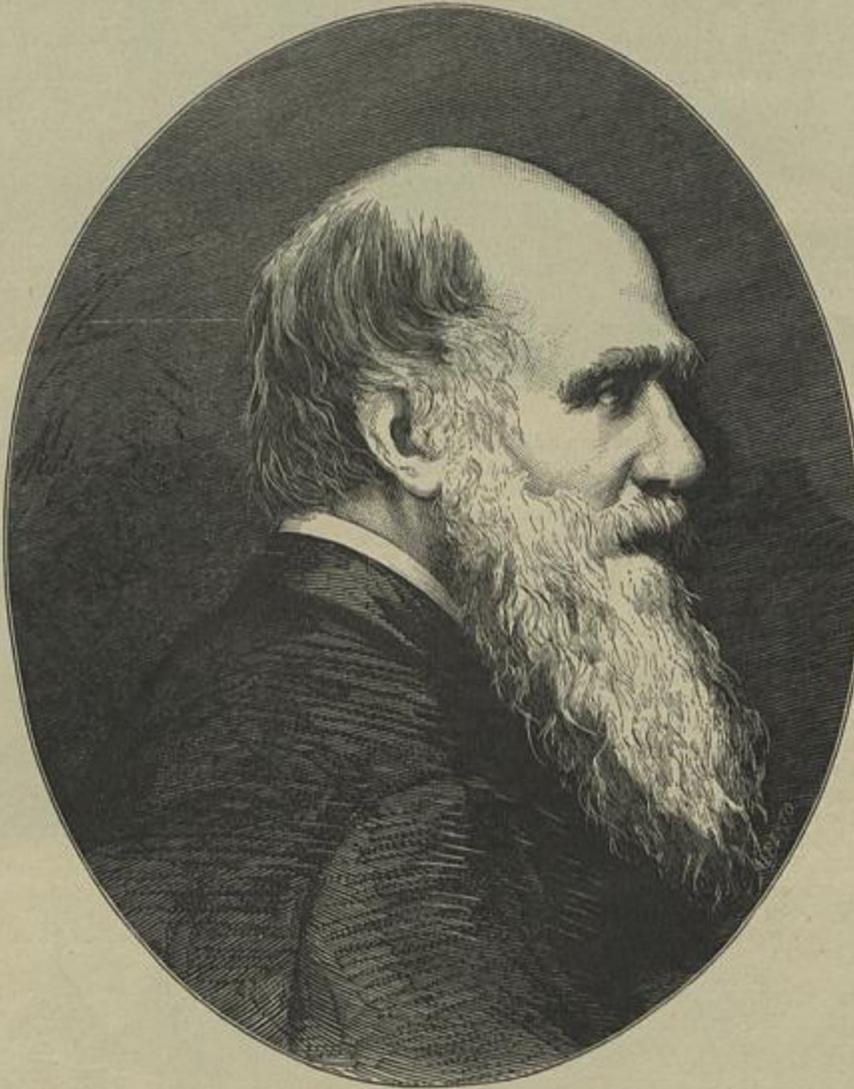
As theorias de Darwin constituem a base da doutrina *evolucionista*, defendida por Haeckel, Spencer e outros grandes homens de sciencia.

Darwin enfileira com notavel distincção ao lado de Newton, Bain, Tyndall, Spencer, Lord Kelvin, Huxley, etc., que personificam a mais alta expressão do genio inglez na emancipação do genero humano.

Macedo de Oliveira.

A «LINDA IGNEZ»

(Continuado do n.º 1085)

«Em nome de Deos Amen saibão todos 'q dez e outo dias do mez de Junho era de mil e trezentos e noventa e outo annos em Coimbra no Paço da Eschola das Degretaes, em prezença dos honrados Padres, e Senhores D. Lourenço Bispo de Lisboa, D. Affonso Bispo do Porto, D. Gil Bispo da Guarda, D. Joanne Bispo de Vizeu, D. Affonso Prior do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, Vasco Martins de Souza Chanceler mór del Rei, Mestre Affonso das Leys Tentelogo de Chanceler, Martim Vasques Senhor de Goes, Affonso Domingues, Vasco Martins Marecos, João Gonçalves, João Ayras sobre Juizes do dito Senhor Rey, Fernam Gil e Antom Martins Vigairos Geraes na Igreja de Coimbra, e de muitos homens bons assim clerigos como leigos do Senhorio de Portugal chamados especialmente para esto, 'q se adiante segue, prezente mi Gonçalo Peres Tabaliom Geral de Nosso Senhor El Rey D. Pedro de Portugal, em todo seo senhorio, e as testemunhas adiante escriptas, o muy nobre D. João Affonso Conde de Barcellos mordomo mor do dito Senhor Rey, publicamente disse, q̃ o dito Senhor Rey D. Pedro sendo entom Infante passa de huns sete annos estando na Villa de Bragança, e vivendo entom El Rey D. Affonso seo Padre, a 'q Deos perdoe, recebeo por sua molher lidima por palavras de prezente asim como manda a

Carlos Darwin

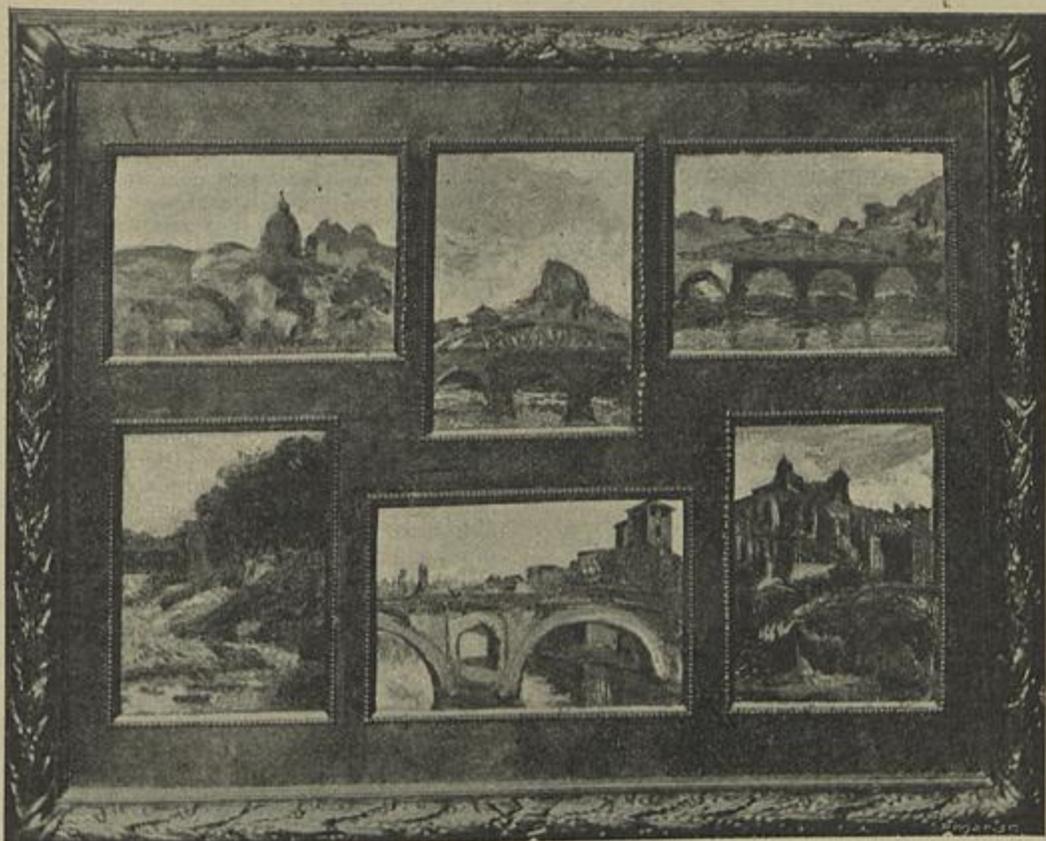
Santa Igreja D. Ignez de Castro, filha, 'q foi de D. Pedro Fernandes de Castro, e essa Dona Egnez e recebeu por seu marido lidimo o dito Senhor sendo asim Infante per essas similhavis palavras de prezente como manda a Santa Igreja, é 'q depois dos ditos recebimentos, o dito Senhor Rey, 'q ora hê, tenera a dita Dona Enez por sua molher lidima, por hũ, dous, tres annos, e mais, ataa o tempo da morte dessa D. Enezes vivendo ambos de commum, e fazendo se maridansa pella guiza 'q devia, e disse o dito Senhor Conde, 'q por'q os ditos recebimentos, e cazamento no forom exemplados, nem claramente sabidos comualmente a todos os do Senhorio de Portugal em vida do dito Senhor Rey D. Affonso, por receio, e temor 'q o dito seu filho del havia, cazando asim sem seu mandado, e consentimento, porém o dito Senhor Rey D. Pedro para descarregar sua consciencia, e aver verdade, e no ser duvida a alguns 'q dos ditos recebimentos e cazamento duvidavão, se forão asi o no, tomara juramento sobre os Santos Evangelhos, sobre as couzas suso ditas, e cada huã dellas e dera de si fe, e testemunho de verdade 'q fora asi, segundo mais compridamente hê contheado em hũ publico instrumento 'q ende mostrou, feito, e asinado por mi sobredito Tabalion, do qual o theor adiante hê escrito, e outro si fez receber de prometo de duas testemunhas, sobre o dito feito, 'q dezia 'q forom prezentes aos ditos recebimentos convem a saber D. Gil Bispo da Guarda, 'q no tempo dos ditos recebimentos era Dayão dessa Igreja e de Estevão Lobato, q entom era morador do dito Senhor Infante, o qual depoymento por mi sobre dito Tabalion hê escrito; e por'q segundo dizia vontade hê do dito Senhor Rey de no ser mais esto encuberto ante lhi prazia de ser sabudo, para ser aredada grande duvida, q̃ ao diante sobre ello podia recreser, e para... em memoria tambem aos prezentes, com aos que depois vierem o dito Senhor Conde de mandado q̃ dezia, 'q para esto avia do dito Senhor Rey, foi por mi dito Tabaliom ler, e publicar, no dito Logo perante os sobreditos, o dito estrumento, q̃ suso hê feita menção, e o depoymento das ditas duas testemunhas dos quais estrumento e depoymento o theor se segue por ordem com esta guiza. Saibam todos 'q doze dias do mez de Junho Era de 1398 annos... nas cazas da Igreja desse Logo o muito alto, e muy nobre Senhor D. Pedro pella graça de Deos Rey de Portugal, e do Algarve, prezente my Gonçalo Peres seu Tabalion Geral, em todo seu Senhorio, e as testemunhas adiante escritas... e confessou em verdade per juramento dos Santos Evangelhos, per el corporalmente tocados, 'q sendo el Infante vivendo entom El Rey D. Affonso seu Padre a 'q Deos perdoe, estando em Bragança póde ora aver sete annos, pouco mais ou menos, no se acordando do mez nem do dia, recebeo por sua mulher lidima per palavras de prezente asy como manda a Santa Igreja D. Enez de Crasto, filha que foi de D. Pedro Fernandes de Crasto, e 'q essa D. Enez er recebeo... por seu marido lidimo, por similhavis palavras segundo manda a Santa Igreja, e disse 'q depois do dito recebimento, tevera, e teve a dita D. Enez por sua molher lidima, por hu, dous, trez annos e mais ataa o tempo da morte dessa D. Enez, vivendo ambos de com suum, fazendose maridansa pella guiza que devião, e dise o dito Senhor Rey 'q por'q os ditos recebimentos, e cazamento no forom exemplados, nem claramente sam sabudos, per o seu Senhorio, em vida do dito seu Padre por receio e temor que del avia, porem pera desencarregar sua conciencia, e dizer verdade, e no ser duvida a alguns, 'q dos ditos recebimentos, e cazamento duvidavão, se forom asi, o no, deu de si fe e testemunho de verdade, pella guiza 'q suso hê escripto, mandando a mi, seu Taballiom sobredito, 'q desto fezese ende, a quem quer 'q comprise, hu, dous, tres estrumentos, e mais se mester fossem feito foi no dia, mez, era e Logo suso ditos testemunhas que a esto chamadas, e rogadas prezentes foram, D. João Affonso Conde de Barcellos Mordomo Mor, Vasco Martins de Sousa, Chanceller Mor do dito Senhor Rey, Mestre Affonso das Leys, Joanne Esteves, e Lourence Esteves seus Vassalos, João Lourenço Bubal su Guarda mor Martim Vasques Senhor de Goes, Estevão Martins Carvalhoza e Garcia Martins de Faria, Cavaleiros, Gonçale Mendes, e Joane Mendes de Vasconcellos, Alvaro Pereira, e Gonçalo Pereira Diogo Gomes, e Vasco Gomes Daavreu, Lourenço Martins de Bornes, Vasco Fernandes Coutinho, Escudeiros, e outros, e eu Gonçalo Peres Tabalion Geral susa dito, aas couzas suso ditas, e cada huã dellas, segundo se suso ouvirão, com as ditas testemunhas, prezente fui, e de mandado do dito Senhor Rey e requerimento do dito Senhor Conde, este estrumento com minha mão propria escrevi, em 'q fiz meu sinal acustumado, em testemunho de verdade, era de 1398 annos, dez e outo dias de Junho a ora de terça em Coimbra, no Paço hu lem das Degretaes, no estudo desse logo prezente my Gonçalo Peres Tabalion Geral del Rey D. Pedro de Portugal, em todo seu Senhorio, e as testemunhas adiante escriptas, o mui nobre D. João Affonso Conde de Barcellos Mordomo Mor, Vasco Martins de Souza Chanceler mor, e Mestre Affonso das Leys vassallo do

A entrevista dos Reis de Espanha e de Portugal em Vila Viçosa

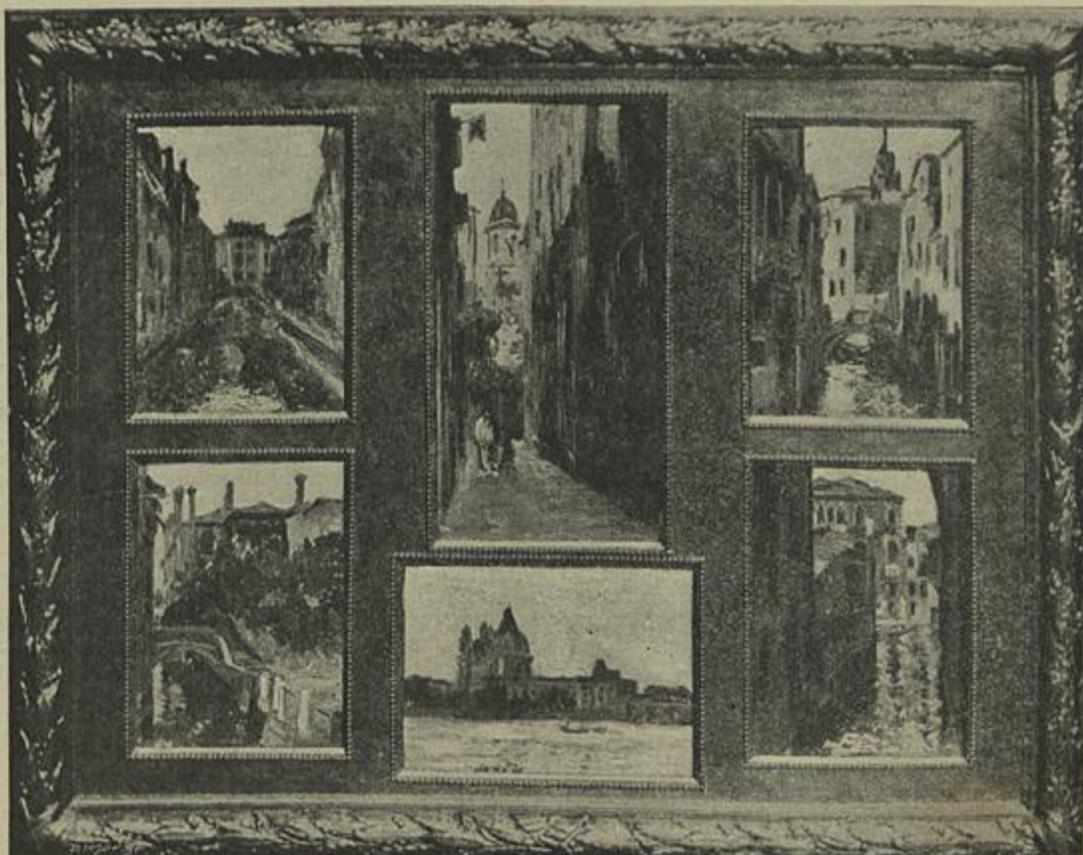
dito Senhor Rey, segundo dezião, tomarão inquiriçom sobre esto adiante escrito pella guiza que se segue. Primeiramente o honrado Padre e Senhor D. Gil Bispo da Guarda testemunha jurado aos Santos Evangelhos segundo costume de Prelado, preguntado 'q hê o q sabe dos recebimentos e cazamentos, 'q dizem 'q forom antre noso Senhor El Rey D. Pedro de Portugal 'q ora hê, sendo el entom Infante, e Enez de Crasto a q̄ Deos perdoe respondeu, q andando el testemunha com o dito Senhor Rey ora hê, e sendo el testemunha entom Dayão da Guarda, e Fizico do dito Senhor, estando entom este Senhor e a dita D. Enez em Bragança, el testemunha de mandado do dito Senhor, chegou aa camera onde essa Senhora estava, e prezente a dita D. Enez, o dito Senhor Infante disse a el testemunha q' queria receber a dita D. Enez por sua mulher e logo sem detença esse Senhor Rey sendo entom Infante, como dito hê, posse a mão a mão nas mãos del testemunha e esso mesmo a dita D. Enez, e recebeo a dita D. Enez por sa mulher e lidima por palavraz de prezente, asi como manda a Santa Egreja, e per essar similhavis palavras, a dita D. Enez recebeo o dito Senhor sendo asi Infante, por seu marido lidimo, disse q̄ depois dos ditos recibimentos, vio os ditos Senhores viver ambos de consum por tres annos, e mais ataa o tempo da morte dessa D. Enez.

Suas Magestades Rainha D. Amelia, Reis D. Affonso e D. Manuel saindo do palacio de Vila Viçosa a passeio — D. Affonso XIII e a familia real portuguêsa com suas comitivas — A tropa e o povo aguardando a passagem de Suas Magestades, no Terreiro do Paço de Vila Viçosa

(Instantaneos Benoliel)

A Exposição de Pintura de Alves Cardoso

ROMA — Do Pincis — S. Pedro — Outra vista
Paisagem em Marino — Velha Roma — Outra paisagem em Marino

Perguntado do tempo q' este recibimento asi foi, respondeu q̃ pode haver sete annos pouco mais, ou pouco menos, no se ocordando do mez nem do dia, preguntado dos presentes, respondeo q' elle testemunha, e Estevão Lóbato q' entom era morador do dito Senhor e sobre o dito feito disse, q̃ no sabia mais. E perguntado Estevão Lobato morador em Santarem testemunha jurado aos Santos Evangelhos, perguntado q' hê o q̃ sabe deste feito respondeu q' estando o dito Senhor Rey D. Pedro q' ora hê, em Bragança sendo esse Senhor entom Infante, e vivendo el testemunha entom na sa merce esse Senhor Infante mandou chamar el testemunha aa pouzada onde estava, e q̃ entom el testemunha foi a mandado do dito Senhor Infante aa camara dos Paços hu esse Senhor entom pouzava, o q' Senhor Infante lhe disse q̃ o mandara chamar porq sa vontade era de receber a dita D. Enez por sua mulher, e q' queria q̃ fosse ende el testemunha com Dayão da Guarda, q̃ entom era, o qual otro si mandado do dito Senhor Infante tomou esse Senhor Infante por huã mão, e a dita D. Enez q' prezente era por outra, e tendo asi as mãos nas mãos do dito Dayão q̃ entom era, o dito Senhor Rey sendo Infante como dito hê recebeo a dita D. Enez por sua mulher lidima, per palavras de prezente, asi como manda a Santa Egreja, dizendo contra ella as ditas palavras segundo hê ao custumado em taes espozorios, e per essas mesmas similhavis palavras, e guiza, a dita D. Enez recebeo o dito Senhor Infante por seu marido lidimo como manda a Santa Egreja, e disse q̃ depois dos ditos recebimentos viverão os ditos Senhores de consum per tres annos e mais ataa o tempo da morte da dita D. Enez. Perguntando do tempo q̃ este recibimento foy, respodeu q̃ foy em hu dia primeiro de Janeiro, pode aver sete annos, pouco mais, ou pouco menos. Preguntado dos prezentes, respondeu q' o dito Dayão q' ora hé Bispo da Guarda, e el testemunha, e do dito feito disse, q' no sabia mais Estevão Lobato. Os quaes estromento e depoimento de testemunhas, asi liudos, e publicados porq' podia ser dito por algumas pessoas, q' antre os ditos Senhor Rey, q' ora he, e a dita D. Enez de Crasto, no podiam sem dispensason ser cazamento de direito, por o linhajem, e divido q' devião q̃ era entre elles convem a saber, em ser a dita D. Enez sobrinha do dito Rey D. Pedro q' ora hé filha de seu Primo com Irmão, porem o dito Senhor Conde para parecer claramente, q' o dito Senhor Rey sendo Infante houve pella Corte de Roma dispensasom, e poder para poder livremente sem embargo de parentesco cazar, com otro qualquer q̃ lhe fosse tambem chegado em linhajem, e parentesco com a dita D. Enez, mostrou, e por mim Gonçalo Peres Tabaliom suso dito, ler, e publicar fez huas letras do Papa João Vigesimo segundo em peregaminho, escriptas e boladas da bola verdadeira do dito Senhor Papa, em fios de seda amarelos e vermelhos, segundo costume da Corte de Roma, no razas nem borradas, no antrelinhadas no canselhadas, nem em nenhuã parte de si sospeitas, segundo em ellas parecia, das quaes o theor de verbo a verbo tal he, nehuã couza adudo, nem mandado, se no pella guiza das ditas letras hê contheudo. *Joannes Episcopus servus sevorum Dei dilecto filio Petro Infanti primogenito charissimi in Christo filii nostri Alphonsi Regis Portugaliae, et Algarbii Illustris salutem et Apostolicam benedictionem, et similiter illos quos in prohibitis gradibus nexis consanguinitatis vel afinitatis astringit sacrorum censura Canonum matrimonialem copulam interdicat; Romanus tamen Pontifex ex plenitudine potestatis, quam non ab homine obtinet, sed à Deo considerata personarum, et temporum qualitate utiliora prospiciens, non unquam rigorem mansuetudine maxima circa sublimes personas, pro tranquilitate regnantium temperat, et Regnorum, et quod negat juris severitas indulget providè dispensandum de gratia speciali, hinc est quod nos illius, qui facit in sublimibus suis concordiam Vicarii licet inventi constituti caeteris rationalibus causis inducti, per quas speramus pacem, et tranquilitatem Regnis Portugaliae, et Algarbii pervinire ejus et charissimi in Christo filii nostri Alphonsi Regis Portogaliae et Algarbii Illustris patritui, nobis in hac parte humiliter suplicantis praecibus inclinati, quod tu cum quacumque nobili muliere Ecclesiae Romanae Devota, etiamsi ex uno latere secundo, et ex uno alio latere tertio, et duobus vel tribus lateribus, quatro consanguinitatis, et affinitatis gradibus, vos invincem contingatis matrimoniuo licitè aducere contrahere valeatis impedimento, seu impedimentis, quae ex dictis consanguinitatis et afinitatis .. ne qua puorum obstantibus tecum et cum illa cum qua sic contraxeris authoritate Apostolica de especiali gratia despensamus prolem sucipiendam à vobis ex hujusmodi matrimonio legitimam nuntiantes de Apostolicae plenitudine potestatis. Nulli ergo omnino honinum liceat hanc paginan nostrae despensationis infringere, vel ei ausu temerario contrahire siquis antem hoc attentare presumpserit indignationi Omnipotentis Dei et Beatorum Petri, et Pauli Apostolorum ejus se noverit incursurum, Datum Avinhon decima secunda Calendas Martii anno nono.*—Feito e publicado assim todo esto pella guiza q' suso hê escripto, o dito Senhor Conde em nome dos Infantes D. João D. Diniz, e D. Beatriz filhos dos ditos Senhor Rey D. Pedro e D. Enez de Crasto. Mestre Affonso em nome do dito Senhor Rey, e o dito Bispo da Guarda, em seu nome requererão mi dito Tabalião q̃ lhe fizese ende de todo, e desse Senhor estrômentos de hu theor, e mais quantos lhes ende comprise. Feito foi... mez e era sus o ditos. Testemunhas q' a esto chamadas e rogadas prezentes forão, Martim Lourenço Arcediago de Penella, Martim Affonso, Pedro Vaz da Pedra alçada, Gonsale Annes Conegos de Coimbra. Gonçale Annes dagoa de rua, e Affonso Martins Alvete Cidadaos desse Logo e outros muitos. Eu Gonçalo Peres Escrivão jurado dado por nosso Senhor El Rey de Portugal a Gonçalo Peres seu Tabaliom Geral para escrever as sas escripturas estas couzas q' de seu mandado, e em sa prezença com minha mão propria Escrevi. E eu Gonçalo Peres Tabaliom Geral sobre dito aas couzas suso ditas, e cada huã dellas segundo se suso ouveram com as ditas testemunhas presentes, e a requerimento do dito Senhor Conde este estromento em minha presença, per o dito meu Escrivão jurado escrever fiz; e aqui com minha mão propria so escrevi, e meu signal fiz acostumado em testemunho de verdade. = Lugar do signal publico.»

(Continua.) D. Francisco de Noronha.

VENEZA — Poente num canal — Uma rua — Um canal de manhan
Um palacio — «La Salerte» ao sol posto — Outro canal

A exposição de pintura de Alves Cardoso

O antigo *atelier* Filon, á rua Serpa Pinto, e de que é digno sucessor A. Bobone, um artista consumado desde a Academia de Belas-Artes, destinguido com primeiros premios em exposições nacionaes e estrangeiras, continua a ser, como que um centro artistico, onde concorre a melhor sociedade de Lisboa para se fotografar dando-lhe exemplo a familia real na sua preferencia por este *atelier*.

Se essa concorrencia na fôra já uma tradição deste *atelier*, tel-a-ia agora muito mais aumentado com a peregrinação que nas ultimas semanas ali tem feito todas as pessoas que se interessam pelas coisas de arte, para visitarem a esplendida exposição de pintura de Alves Cardoso, que ali apresenta ao publico os belos quadros de paisagem, produzidos nas suas excursões por França e pela Italia, onde foi completar seus estudos, como pensionista do Estado, tendo concluido o curso na Academia de Belas-Artes de Lisboa.

Não são as primicias da sua paleta que Alves Cardoso vem apresentar ao publico, nem é esta a primeira vez que o Occidente reproduz obras suas e as aprecia devidamente. Alves Cardoso figurou sempre com vantagem nas exposições da Sociedade Silva Porto, onde annualmente apareciam seus estudos de paisagem, que o publico poude apreciar e que o Occidente registou, como agradaveis promessas que ora vê cumpridas.

Numerosos quadros de varias dimensões espalham-se pelo *atelier* Bobone, em que mais avulta a paisagem quente e colorida da Italia e em que ora recorda as ruinas da velha, Roma dos Cesares, com seus aqueductos e o Forum ora os zimborios de S. Pedro, divagando depois pela tragica Veneza dos Doges, cortada de canaes em cujas aguas limosas se refletem as denegridas frontarias de seus misteriosos palacios.

E' uma digrisão interessante para o artista, para o poeta, para o arquealogo, que se faz atravez daquelles pedaços de tela, que Alves Cardozo povoou com as exuberancias da sua paleta abundante de tintas e de côr, conforme seu temperamento de peninsular que no ceu da Italia encontrou o mesmo sol luminoso a aquecer-lhe a alma de português.

Não admira, pois, que esta esposição atraí-se o nosso publico e tenha sido adquerido por elle muitos dos encantadores quadros que ali se vêem, tão decorativos quanto artisticos, para as raras galerias e salas portuguêsas, onde, infelizmente, os espelhos de oirejantes molduras revestem as paredes de perferencia ás obras de arte.

Oh! os espelhos, com suas largas molduras douradas, são ainda a grande ambição de muitos bons burgueses endinheirados.

C. A.

A VELHA LISBOA

(Memorias de um bairro)

CAPITULO XVI

(Continuado do n.º 1084)

De vez em quando do meio daquelle mar-vivo de bugigangas surge ao esquadrinhador paciente alguma coisa preciosa. Foi n'uma dessas pescas milagrosas que o meu ilustre amigo Antonio Cesar Mêna Junior houve ás mãos, no logar do José Gordo, um desenho de Vieira Luzitano, representando um esboço para o retrato do primeiro patriarcha de Lisboa; foi assim tambem que eu, uma vez, encontrei uma estatueta de Antonio Feliciano de Castilho, modelada por Rafael Bordalo Pinheiro e que deixei perder por demorar dois dias a sua acquisição. Esses achados sendo raros não são todavia tão difíceis como parece. O essencial é ser assiduo frequentador e saber esperar as ocasiões. Entretanto o autor destes apontamentos não tem sido dos mais felizes!

Saiamos porém do mercado onde a demora não deve ser grande em cada visita. Queixa-se a pituitaria se a prolongarmos. Cá fora respira-se melhor e o seu aspecto exterior não deixa tambem de ser digno de observar-se.

Naquella baiúca de passarinheiro, animada pelo canto pos canarios e de outras variadissimas aves que pulam de poleiro em poleiro, venderam-se, ha annos, por mil réis, dois grillos cantadores, encomendados por sua magestade a rainha-viuva D. Amelia, para entretenimento dos principes. Nunca um grillo decerto atingiu no mercado preço tão subido!

Nos dois botequins que ali existem, abertos até deshoras e pejados, quasi sempre, de frequentadores não é raro ouvir-se o dedilhar plangente da viola e o trinado evocador da guitarra, casando-se na execução do fado nacional, deliciando os freguezes do café de *lépes* e do classico quarto de pão que serve de almoço e de ceia aos engeitados da fortuna.

Um carpinteiro, um bahuleiro e um talho, completam a fila dos logares que o mercado tem com porta para a rua. Mas lá dentro é que a mercancia variada e extravagante atinge o maximo do imprevisto.

A quem desconhece o local aconselhamos uma visita. Uma lição proveitosissima, pelo menos, se tira d'ali, é que nada ha inutil nem supérfluo, porque aquelle núcleo de mercadores, do supérfluo vivem e com o que os outros julgam inutil se sustentam.

* * *

Subindo a rua, a primeira serventia que encontramos, á esquerda, é a travessa de Santo Amaro, para onde faz esquina o predio de um só andar, recheado de janelas de sacada, que serve de moradia ao sr. conselheiro Julio de Vilhena. Nessa travessa ficam dois edificios que pediriam especial menção e se ainda estivessem dentro da área das minhas pesquizas: o Albergue das Creanças Abandonadas e o Hospital dos Padres de Cernache do Bom-Jardim. Em outra ocasião, mais oportuna, se tratará delles.

Continuando a subida, fica-nos, á direita, a rua da Imprensa, d'onde descemos para este passeio, e um pouco mais acima, do mesmo lado, um predio, sob o qual se faz ingresso para o pateo do Gil.

Aqui é que temos de parar e entremos para saber quem era o Gil que dá o nome ao pateo.

* * *

Antonio Rodrigues Gil, mestre carpinteiro que foi dos extintos teátros da Rua dos Condes e do Salitre, societario de uma companhia de Edificações Urbanas, fabricante de fantoches articulados, irmão-bemfeitor da Santa Casa da Misericordia e administrador da casa desfalcada dos Soares de Noronha, da Cotovia, era filho de Manuel Afonso e de sua mulher Esperança Gil, todos naturaes de Lisboa; pessôa assás religiosa, de um genio activissimo e emprehendedor e, para nada lhe faltar, como bom burguês da segunda metade do seculo XVIII, contava-se o seu nome entre os dos familiares do numero do Santo Oficio que Deus haja (1).

Duas vezes casou e ambas na mesma familia. Foi a primeira mulher Maria Quiteria, filha de João Rodrigues, natural de Runa, e de sua mulher Maria Luiz, baptisada nas Mercês, em Lisboa; e a segunda Caetana Rosa, natural de Mafra e filha de um irmão da Maria Quiteria chamado Caetano Tomás, mestre de obras e arquiteto, e de Maria Rosa, natural de Bucellas. O primeiro casamento foi em 1741 e o segundo em 1751 (2).

O predio que hoje tem o numero 458 foi um dos muitos produtos da sua bossa de construtor que veio a degenerar na tal sociedade edificadora que lhe trouxe, por signal, bastos prejuizos, os quaes agravados pelas liberalidades de um filho que houvera do primeiro matrimonio, o iam comprometendo seriamente no fim da sua vida.

Foi edificada a casa em uns chãos da quinta dos Noronhas que o ultimo morgado lhe aforára, no sitio onde, depois do terremoto, elle levantára á pressa umas barracas de panno e taboas velhas, para se recolher com a familia, fugindo da sua arruinada moradia ao alto do Pombal (3).

Apesar do pouco cómodo das barracas, ahi esteve provisoriamente albergada, até o S. João de 1756, a Santa Casa da Misericardia (4).

Em 1758 já se achava concluido o predio novo e juntamente uma ermida pequena, da invocação de Santo Antonio, pegada ás casas e com porta para a rua, onde viveu com a familia, até a morte, o laborioso mestre de obras.

Por seu falecimento, foi a casa, a ermida e outras dependencias, sem faltar o extenso quintalão para a posse de uma irmã de sua segunda mulher, chamada Genoveva dos Anjos Alexandrina, casada com o seu socio e amigo Jorge Rodrigues de Carvalho, tambem familiar do Santo Oficio e mestre das Reaes Obras com a patente de capitão, personagem este de quem já temos falado (1).

Ahi moravam os novos possuidores em 1802. Tinha então o predio os numeros 270 a 275.

Por morte de Genoveva dos Anjos, coube a casa a sua filha Maria do Carmo que ahi tambem residiu depois do seu casamento (em 1802) com Theodoro Candido de Araujo, fiel da Junta dos Juros, dos quaes nasceu, n'um dos quartos da casa, em 28 de março de 1810, o nosso grande Alexandre Herculano.

Da primitiva edificação apenas resta actualmente um renque de três janellas de peitos a que corresponde a porta com a numero 456.

E' interiormente um grande barracão ocupado, neste anno de 1908, por um marceneiro. O restante do predio foi demolido em 1827 pela viuva Marques e Costa, que o comprára no anno anterior ao fiel da Junta dos Juros. Em 1831 já se achava de pé uma nova construção de sete janelas de sacada de 1.º andar e de seis janelas no rez do chão, com um arco a meio por onde conjuntamente é servido o prédio e o pateo que fica no interior. Hoje pertence ao sr. Gomes Neto, por execução movida por este cavalheiro ao comerciante da praça de Lisboa Jacintho Aprigio Marques, cujos herdeiros litigam agora a posse da propriedade.

Da capela ficaram naturalmente os ultimos vestigios sepultados na demolição de 1827. Em tempo do pae de Herculano ainda se celebraram os oficios divinos com grande concorrencia de fieis. Depois, como a manutenção da capela lhe ficasse dispendiosa, foi suprimida a missa, com o que o povo ficou seriamente ofendido, a ponto de chegar a propalar-se, como Theodoro Candido cegasse pouco depois, que tal desgraça fôra castigo da sua impiedade.

Verdadeira impiedade foi a demolição da capela e do historico predio.

De toda essa hecatombe resta apenas o nome do pateo, o mais notavel de todos os que enxameiam nesta rua, e que perpetua ainda o nome do ingenhoso mestre de obras, imaginador de fantoches articulados para entretenimento e gaudio dos alfacinhas privados, pela caturrice de Pina Manique, de cantarinas e dançarinas de carne e osso (2).

(Continúa.) G. de Matos Sequeira.

(1) *Processo de Antonios* — Maço 1203 — Documento 2090.
(2) Citado processo para Familiar de Santo Oficio.
(3) Citado *Processo do Santo Oficio*.
(4) *A Misericordia de Lisboa*, pelo sr. Victor Ribeiro — Livro das Juntas Grandes de 1756.

(1) Quando se tratou da ermida de Santo Antonio, na rua do mesmo nome.
(2) Sobre este assumpto fiz um minucioso estudo, publicado no n.º 16 da *Ilustração Portuguesa* (2.ª serie), que em breve virá a imprimir-se com alterações resultantes de uma discussão que o artigo motivou, no jornal *O Dia*.

Uma data celebre *(Cartas ao Presidente da Commissão de Archeologia).*

O erudito escriptor Francisco Xavier Frederico Diniz d'Ayalla, que já tem a testemunhar-lhe o valor litterario obras publicadas na metropole portugueza e em Gôa, sua terra natal e tambem sua residencia ao presente, escreveu e enviou a carta mencionada, ao presidente da commissão de archeologia na nossa India, com o louvavel e patriotico intento de propôr á discussão dos seus doutos membros um ponto historico ainda um tanto brumoso para muitos estudiosos, — «a data precisa da chegada de Vasco da Gama ás terras do Zamorim — facto este, accrescenta Ayalla, por cuja solução trabalha, depois de ter verificado que o primeiro almirante dos mares da India partira a 25 de março de 1497 e não a 8 de julho, como o *Roteiro* e alguns dos nossos chronistas o affirmavam, segundo o estudo, que tive a honra de publicar sob o titulo — *Vasco da Gama. Quando partiu?* — na revista *O Oriente Portuguez*, em os seus n.os 9, 11 e 12 de 1905 e 1 e 2 de 1906.»

A carta referida, que se acha datada de 28 de setembro de 1906, foi dada á estampa pela Empreza Typographica Colonial, de Nova Goa, e suggeriu-se o seu assumpto ao auctor em razão de haver lido uma conferencia realisada em Calicut aos 25 de maio de 1898, pelo fallecido jesuita Revd.º Maffei, em commemoração do 4.º Centenario do descobrimento do caminho mari-

timo para a India por Vasco da Gama, succedendo que na mesma conferencia o notavel jesuita sustenta que a chegada do Gama ao Malabar occorreu em 26 d'agosto de 1498.

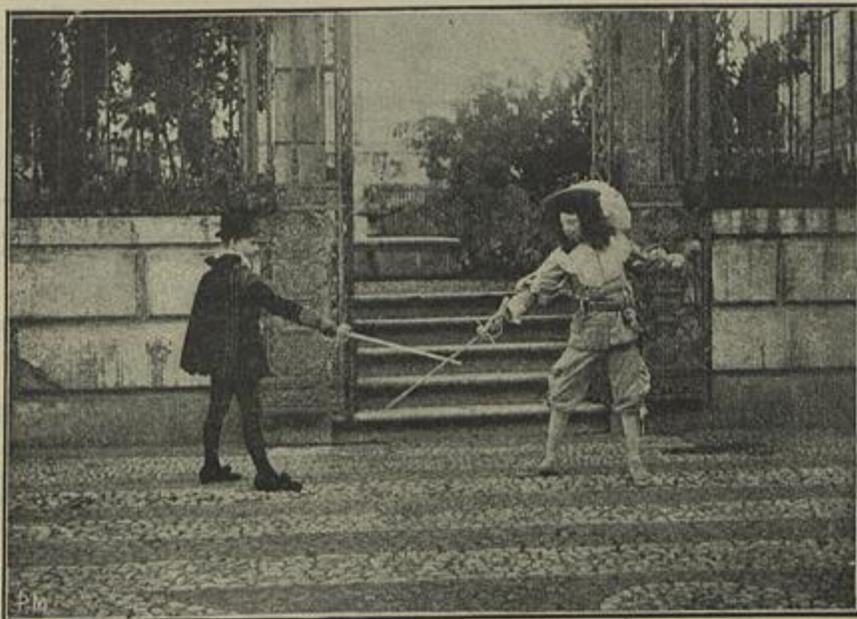
Ayalla junta á sua carta uma refutação da opinião de Maffei por um missionario de Cochim, de quem cala o nome por assim lhe haver sido exigido pelo proprio missionario, segundo affirma.

Li com interesse o folheto que encerra os dois originaes citados assim como antes lêra o curioso opusculo — *Vasco da Gama. Quando partiu?* — separata evidentemente do estudo a que Ayalla faz allusão nas suas linhas atrás transcriptas.

Assumptos d'esta natureza são deveras patrioticos e reclamam a maxima paciencia de investigação assidua.

D. Francisco de Noronha.

O CARNAVAL DE LISBOA

Não sabemos porque toda a gente espera o Carnaval para se rir, para folgar, como se não tivesse durante o anno motivos proprios de rir e de folgar, não diremos já por lhe sahir a sorte grande, que é avis rara, mas por outros casos da vida que todos teem e que ás vezes são mais galhofeiros que o proprio Carnaval.

Agora mesmo o leitor nos estará dando razão...

Pois é assim. Pelo Carnaval decreta-se o riso e a alegria de companhia com as filhozes e sonhos, pela mesma razão que na Semana Santa se deve guardar todo o recolhimento e tristeza, comer amendoas e depois o falar da Pascoa com o bélo ôvo cosido.

Que a Semana Santa nos comova com a recordação da Paixão de Jesus, compreende-se; mas que o Carnaval nos alegre pela lembrança das folias dos pagões que com elle morreram, não se justifica, e é o caso de nos importarmos com a neve que cahiu ha cem annos ou com a primeira camisa que vistimos.

Disto resulta essa lamuria que vem fazendo-se ha muitos annos para cá, sobre a decadencia do Carnaval folião e tambem brigão, porque sem brincadeira de briga que muitas vezes acaba a serio, não ha Carnaval que preste.

Assim o entende este bom povo, aliás pacato, mas que em chegando aquelles tres dias mordelhe a folia, e em vez de se mascarar, tira a mascara de todo o anno e então é que é vêl-o á vontade, sujando-se e sujando o proximo, largando graças leves e pesadas, brincadeiras brutaes revelando ignorancia com sua pontinha de malvadez, numa grande licença, que julga liberdade, vindo a acabar tudo nos calabouços do Governo Civil e para muitos por fim no velho palacio do conde Andeiro.

Isto é que é o Carnaval do povo á antiga portuguêsa, o que, infelizmente, este anno se registrou nos cadastros da policia, onde as prisões subiram ao dobro da media dos ultimos annos.

Mas esteve mais animado o Carnaval, dizem as folhas diarias. Houve mais liberdade para todos, tanta que até deu a cada um a liberdade de ser preso e de pagar de muito boa vontade a fiança no tribunal da Boa Hora, ou de ir dar com os costados no Limoeiro. Foi uma liberdade plena, em que Lisboa voltou a atirar aos transeuntes e para as janelas ovos de gema e laranjas da China, e tudo a escorrer pelo fato das gentes e pelas paredes dos predios, numa alegria muito doida e tambem muito emporcalhada, aparte um ou outro olho vasado e algumas escalavradelas cosidas a pontos naturaes.

Aquella velha frase do general: queres paz, prepara-te para a guerra; deve ser aplicada a Lisboa com esta modificação: queres progresso, prepara-te para o retrocesso.

Assim fica certo, e... passemos adeante.

Do Carnaval moderno só apareceram, um tanto envergonhados, alguns trens particulures e automoveis mal cheirosos, guarnecidos de flores e num ou noutro algumas mascaras, que percorreram livremente Chiado e Avenida, sem batalha oficial e sem flôres, num grande cortejo funebre ou coisa parecida.

Dando nota mais festiva viam-se alguns carros reclames de varios estabelecimentos industriaes, de que destacamos por exemplo os carros da Casa das Bengalas, da Fabrica de Chapeus de M. Augusto, da Fabrica de Chocolates Iniguez, este que mais se distinguia por seu gosto e riqueza, revelando bem a importancia da industria que representava. Como se vê da gravura que publicamos, o desenho do carro é elegante e as decorações a branco, azul e ouro davamlhe um aspecto fino; sobre uma caprichosa peanha ia um anjo de grandes azas, envolvido num veu de gaze azul que se estendia até ao plano do carro. Uns seis empregados da fabrica, em traje dos velhos do Fausto, distribuiam bonbons de chocolate que o publico saboreava. Tres bélas parelhas de cavalos, conduzidos á mão por seis homens em *costume* de fantasia, puxavam o carro, que assim percorreu o Chiado e Avenida despertando a atenção de todos.

São estas as notas mais interessantes do Carnaval das ruas de Lisboa.

* * *

Pelos theatros, nos bailes publicos, o Carnaval teve certa animação, muito especialmente em S. Carlos, onde se apresentaram mascaras com bons fatos, e até alguns ricos.

Bailes houve particulares muito animados, mas sobretudo os mais interessantes foram os de creanças mascaradas que deram a nota fina, de bom tom.

Neste genero o que mais se distinguiu inquestionavelmente foi a *matinée* na legação de Espanha.

O antigo palacio dos marquêses de Penafiel parecia ter voltado aos tempos das suas esplendorosas reuniões, pela distinção das familias da primeira nobresa que concorreram ao amavel e cavalheiroso convite dos srs. condes de San Luis, ministros de Espanha em Lisboa.

Poucas vezes se terá reunido um grupo tão numeroso e tão interessante de creanças caprichosamente vestidas com lindos *costumes* á Luiz XV e Carlos II, devidos a maior parte aos *costumiers* do Real Theatro S. Carlos os srs. Lisboa e Carmen Delgado.

Com esse lindo grupo de creanças se formaram quadrilhas em que tomaram parte as meninas e meninos:

D. Thereza de Lencastre Gil, D. Maria Perestrello, D. José da Camara (Ribeira); D. Maria Rita Sá Paes do Amaral (Anadia), D. Domingos de Sousa Holstein (Fayal), D. Leonor Pinto Leite (Olivaes), Lopez Roberts, D. Maria do Carmo Pinheiro (Arnoso), M. Telles da Sylva (Tarouca), D. Victoria Perestrello, Manuel de Vasconcellos e Sousa (Castello Melhor), D. Anna de Sousa Holstein (Fayal), D. José de Mello e Castro (Galvêas), D. Pia de Castro Pereira, D. Joaquim de Mendóça (Tancos), D. Thereza de Mello e Castro (Galvêas), Bartholomeu Perestrello, D. Luiza Sá Paes do Amaral (Anadia), Frederico Perestrello, D. Luiza de Sousa e Holstein (Fayal), Luiz Montalvo (Macuriges), D. Luiz Maria de Lencastre (Alcaçovas) e Luiz de Castro Osorio.

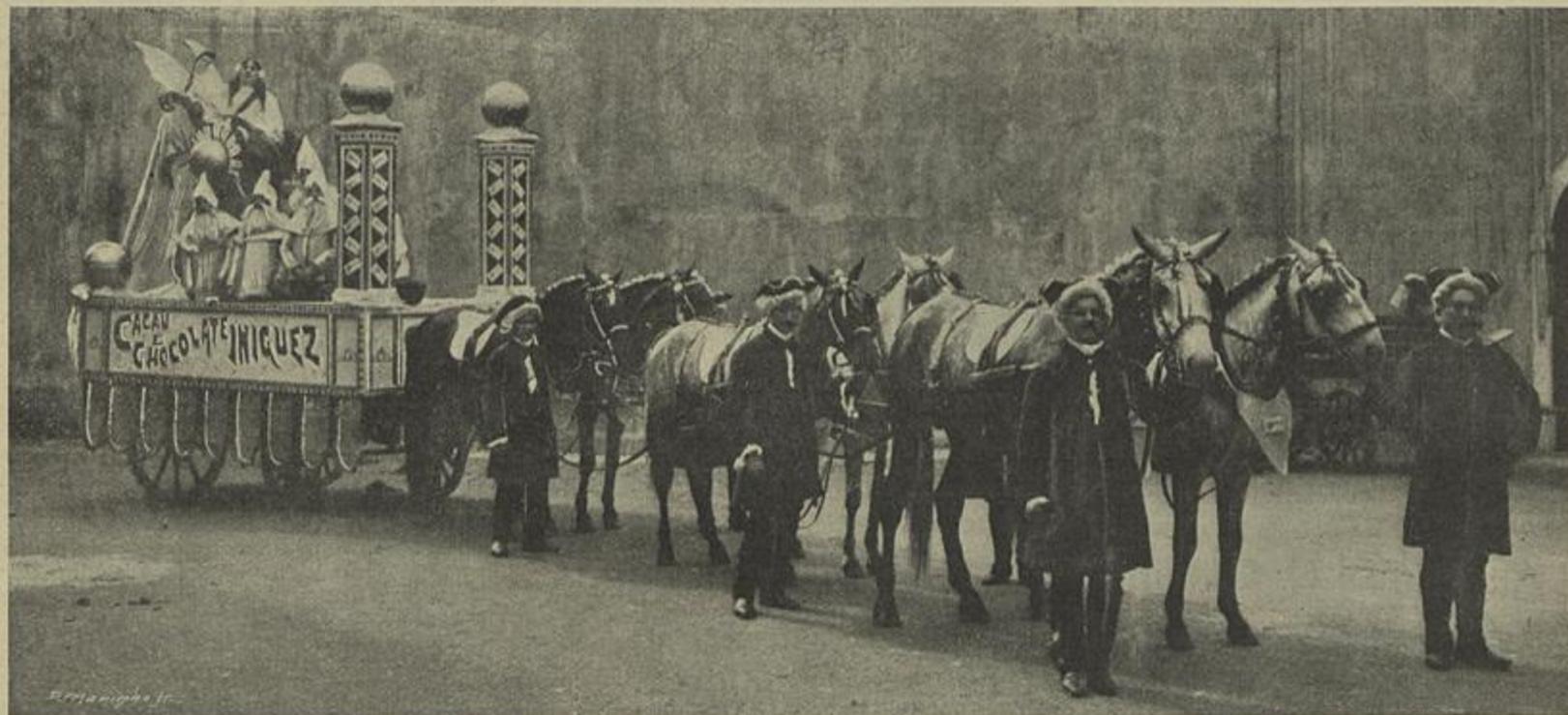
O Carnaval de Lisboa

NA LEGAÇÃO DE ESPANHA

Meninos José Sartorius e Bartholomeu Perestrello jogando o florete

NA LEGAÇÃO DE ESPANHA — Os pares duma contradansa

(Instantaneos Alberto Lima)

O Carnaval de Lisboa

Carro reclame da Grande Fabrica de Cacau, Cakula e Chocolates Iniguez